

# A festa do fado de Quissamã

Guilherme de Queirós Mattoso\*

## Índice

1	Apresentação . . . . .	2
2	Origens . . . . .	3
3	Formato . . . . .	4
4	Preservação & sobrevivência . . . . .	5
5	O fado de ontem e hoje . . . . .	6
6	O fado como processo folkcomunicacional . . . . .	8
7	Finalizações: hibridismo cultural e preservação de memória . . . . .	9
8	Bibliografia . . . . .	12

**Resumo:** Esse trabalho discute basicamente a sobrevivência e preservação da dança do Fado, bailado de origem afro-brasileiro ainda ativo em Quissamã, município localizado na região norte-fluminense do estado do Rio de Janeiro. Destaca a importância de tal manifestação como instrumento de valorização da cultura local e sua preservação como constituição de uma dança. O Fado é hoje uma das poucas heranças culturais que retratam uma época de prosperidade e efervescência na região norte-fluminense, quando,

---

\*Estuda jornalismo na Universidade Estácio de Sá, campus Niterói e desenvolve trabalhos de pesquisa na área de Folkcomunicação e Webjornalismo. O presente trabalho foi originalmente apresentado na 6<sup>o</sup> Conferência Brasileira de Folkcomunicação, nos dias 3-6 de abril de 2003.

no final do século XIX, viveu seu grande momento de esplendor econômico. Finalmente esse ensaio também destaca o turismo como alternativa de resgate e manutenção do bailado e seu sentido de identidade cultural ativo.

**Palavras-chave:** Folkcomunicação; dança do Fado; Quissamã.

## 1 Apresentação

O município de Quissamã, localizado na região norte-fluminense do estado do Rio de Janeiro, origina-se no século XVII e desde então tem sua história ligada à cultura da cana-de-açúcar. Passou por períodos de prosperidade e estagnação. Com um vasto acervo arquitetônico representado por suas inúmeras fazendas e construções, somadas às heranças históricas e culturais, a cidade mantém viva até hoje a memória de seu período de esplendor proporcionado pela cana.

O município conta com uma população de 13.668 habitantes, segundo o censo demográfico do IBGE de 2000. A cana-de-açúcar, como cultura, ainda é predominante na região, mas outras alternativas já começam a mudar as relações socioeconômicas. Desde sua emancipação, através de um plebiscito em 1988 (pois antes era distrito de Macaé), Quissamã vem apostando em outras formas de explorar sua agricultura como o cultivo de frutas. O município é hoje o maior produtor de coco do estado do Rio de Janeiro e é generosamente beneficiado pelos *royalties* do petróleo e do gás retirados da Bacia petrolífera de Campos. A preservação de suas peculiaridades, inclusive no cuidado com as tradições culturais remanescentes deste período açucareiro, tem sido uma preocupação das autoridades locais, desde então.

Dentre as relevantes manifestações culturais alicerçadas neste passado, destaca-se a dança do Fado, bailado de origem afro-brasileira, que será o foco de análise e especulações do presente artigo.

Esse ensaio visa mostrar a importância da dança do Fado como um instrumento de resgate de uma identidade local e de um momento histórico importante para a construção de um perfil artístico-cultural desta localidade.

## 2 Origens

*“Fado, como todos sabem, é canção popular portuguesa, caracteristicamente triste e fatalista. Isso hoje, nos séculos XVIII e XIX era dança popular do Brasil, executada ao som da viola e do adufe (...) cuja coreografia de roda era movimentada apresentando sapateados e meneios sensuais”. Parada (1995: 204).*

O Fado surge em um momento da história fluminense em que o então distrito de Quissamã e toda região norte do estado eram conhecidos como a "Nova Zona do Açúcar", quando no final do século XIX, plantações de cana dominavam a paisagem natural do lugar. Pode-se dizer que o Fado surge na eminência de uma cultura açucareira tardia, vindo a influenciar, de acordo com Parada (*op.cit.*), o Fado português. E pasmem, também Mário de Andrade fala sobre o Fado praticado no Brasil no final do século XIX, que nada teria em comum com a canção lusitana de mesmo nome. O próprio Mário também observou, através do romance de Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*, a existência de um baile no Rio de Janeiro com acompanhamento de viola e coreografia variada com estalidos de dedos, palmas e sapateados, curiosamente semelhante ao estilo português.

Ana Alice Barcelos, secretária de Cultura e Educação da cidade, é uma das representantes públicas a reconhecer a importância desta dança como fator agregador e formador de uma identidade cultural para o povoado de Quissamã. Ela mesma acredita haver pouca semelhança entre o Fado português e o brasileiro. No entanto, ambos descendem do Fado africano. *“Para esclarecer a*

*confusão com o nome, o Fado de Quissamã poderia ser chamado de 'Dança de Cruz', 'Roda de Fundo de Quintal'".*

Ao que tudo indica, apesar do Fado manter-se ativo somente em Quissamã, já foi bastante popular em outros municípios da região norte-fluminense sendo um dos bailes mais apreciados e freqüentados pela população de baixa renda. O primeiro relato sobre sua existência foi feita por Lamego (1934: 86) descrevendo a dança que vinha dos "casinhotos e senzalas", comprovando-a como de origem afro-brasileira. Também em outras cidades do estado tal manifestação pode ser encontrada, mas em franco processo de desaparecimento em detrimento da influência dos grandes centros urbanos.

### 3 Formato

O Fado pode ser considerado um conjunto de danças encadeadas, também conhecido como suíte, dançada ao som de viola e adufe<sup>1</sup>, hoje substituído pelo pandeiro. Assemelha-se a uma quadrilha européia e é conduzido por repentistas. Uma série de pequenos rituais compõe o baile. Travassos (1987: 167) assim explica:

*"(...) a festa deve começar com uma cantiga de reis, seguida de louvações ao dono da casa e sua família. Folia de reis e Fado, portanto, são manifestações habitualmente conjugadas na região".*

Em Quissamã o Fado é apresentado em casas, salões e bairros rurais, principalmente na localidade de Machadinho, fazenda histórica constituída por uma capela (Nossa Senhora do Patrocínio), pelas ruínas do Solar e pela antiga senzala (hoje habitação dos descendentes de escravos) e provável local de origem da manifestação. Atualmente ele também é apresentando em festas e uma vez por mês a dança é realizada na Biblioteca Pública Municipal.

<sup>1</sup> ADUFE - Pandeiro de forma quadrada (N. do A.).

São as chamadas "Sextas Culturais" que segundo a diretora da biblioteca, Carmem de Queirós Mattoso, é um projeto composto por uma exposição literária seguida de uma apresentação da dança.

Curiosamente, o Fado não tem data fixa e não pertence a nenhum ciclo do calendário religioso da cidade. Ao longo do salão ficam dispostos pequenos grupos de dois pares de casais formando uma cruz, ou seja, fazendo uma referência à religiosidade dos participantes. Outra diferença entre o Fado e os demais bailes populares é que ele é, conforme o costume local, "da parte de Deus", ou seja, pode ser realizado durante o período da Quaresma como atesta Travassos (*op. cit.*):

*"Ele ocorre semanalmente, nas noites de sábado (...) período em que muitos católicos se abstêm de dançar. Isto não significa, porém, que se trate de uma festa religiosa, mas apenas que ela é aceita sem reservas na moral popular".*

Apesar de a apresentação do Fado fazer parte da programação cultural da cidade, a relação da dança com a sociedade quissamãense é dúbia. Para Ana Alice Barcelos, *"existem os que encaram o Fado como dança de gente muito humilde, de gente esquisita, ou seja, com um certo preconceito"*. Porém, por haver um processo de inclusão da dança na programação cultural oficial (a partir das iniciativas da prefeitura) da cidade, ao mesmo tempo o Fado passa a ser legitimador desta identidade cultural postulada, pois as apresentações são apreciadas pelo próprio público local, que entende a manifestação como uma amostra da cultura de raiz local, uma legítima manifestação de descendentes dos escravos.

#### **4 Preservação & sobrevivência**

Desde sua emancipação, onde pode ser enquadrada no processo de globalização no final da década de 80, a cidade de Quissamã não soube, de imediato, como fazer para manter e preservar o Fado. A prefeitura percebeu que se não houvesse intervenção,

aos poucos o baile iria se extinguir. Não haveria um eixo de renovação, uma vez que novas formas de entretenimento como as discotecas e shows no clube da cidade e uma série de opções conseqüentes do avanço do mercado audiovisual (reflexos da globalização) passaram a concorrer e seduzir os mais jovens residentes das comunidades rurais.

Pensou-se então em criar uma oficina para assim poder manter e preservar a dança, mas, por outro lado, a espontaneidade do baile estaria sendo sacrificada. De fato, se não houvesse uma ação externa que interferisse de alguma forma o Fado iria acabar. Por isso, a prefeitura já começou a fazer um trabalho de valorização para que a auto-estima se renove, assim como o interesse das gerações mais jovens por sua cultura de raiz.

Além das apresentações na biblioteca, a prefeitura incentiva a dança na localidade de Machadinha para que a própria comunidade se divirta e cultive suas tradições locais. Também está em andamento um projeto que visa introduzir o Fado nas escolas do município, dando ênfase primeiro nas instituições rurais através de oficinas, trabalhando a preservação do Fado como constituição de uma dança.

## **5 O fado de ontem e hoje**

Até a primeira metade da década de oitenta, os bailes na sede da associação de moradores de Machadinha (fazenda principal de onde surgiu o bailado) eram sempre cheios e só acabavam com o sol raiando de manhã. Desde então, o Fado não sofreu grandes transformações em sua estrutura e características. Passou, porém, a correr um grande risco de extinção devido a fatores como o próprio desinteresse das gerações mais jovens – diante das novas possibilidades de lazer e diversão como os próprios bailes e shows que acontecem freqüentemente na freguesia – e às constantes crises no setor canavieiro, forçando os moradores ao êxodo do campo para a cidade. Pode se observar que desde a década de

70 a população rural de Quissamã vem diminuindo em relação à população urbana.

<b>Censos</b>	<b>População</b>	<b>Crescimento Anual (%)</b>
1970	9.933	0.26
1980	9.620	-0.28
1991	10.467	0.77
1996	12.583	3.75
2000	13.668	2.09

*Censos Demográficos do IBGE*

<b>Ano</b>	<b>População Urbana</b>	<b>População Rural</b>	<b>Urbanização (%)</b>
1970	2.796	7.137	28.1
1980	3.240	6.380	33.7
1991	4.410	6.057	42.1
1996	6.980	5.603	55.47
2000	7.699	5.969	56.33

*Censos Demográficos do IBGE*

Se por um lado observa-se um aumento populacional urbano, a população do campo vem regredindo significativamente, com um pequeno crescimento somente entre os anos de 1996 e 2000. Os gráficos acima servem para ilustrar o que vem acontecendo com o Fado. Poucos de seus integrantes ainda vivem em Machadinha. Alguns moram na freguesia ou, por consequência, da sazonalidade do cultivo da cana, em outras zonas rurais no município. Se antes todos os seus dançarinos moravam nas antigas

senzalas hoje eles vêm de diferentes partes do município para se reunir e celebrar o Fado.

Foi somente no ano de 2001, quando a prefeitura passou a demonstrar interesse pela dança, que as coisas começaram a, de fato, mudar. Como já foi mencionado, se não houvesse intervenção tudo poderia se extinguir. A opção tomada pelas autoridades locais foi institucionalizar o Fado. Foi formado, então, um corpo com 15 membros cadastrados pela prefeitura. As roupas escolhidas pelos próprios dançadores (as mulheres usam uma saia rodada e uma bata e os homens uma camisa de botão, calça, bota e chapéu) foram confeccionadas e a partir de então, as apresentações do Fado são feitas com seus participantes devidamente uniformizados. Para cada apresentação oficial os dançadores ganham R\$ 30,00 (trinta reais), uma forma simbólica de incentivar a entrada de novos membros além de elevar a auto-estima e valorizar o trabalho de seus componentes.

## **6 O fado como processo folkcomunicacional**

Festas populares, segundo a análise de Marques de Melo (2001: 114), se caracterizam como processos comunicacionais, na medida em que agentes socialmente desnivelados operam "intercâmbios sógnicos" e transformam seu conteúdo em mensagem coletiva. O Fado de Quissamã se insere nesse contexto de agente a partir do momento em que possui uma identidade comunicacional própria e, de boca a boca, faz ecoar toda sua essência e importância cultural, não só para o município, mas também como representante vivo de toda uma região. Ainda baseado nos estudos de Marques de Melo (*op. cit* p.115), pode-se dizer que o Fado engloba os três fluxos que, juntos, acabam por criar um processo que tem sua estrutura baseada nos conceitos de *comunicação interpessoal*, *comunicação massiva* e *intermediação comunicativa*. O Fado em sua real vocação serve como estimulante de relações comunitárias quando agrega os moradores da comunidade de Machadinhã para o baile. Envolve interesses institucionais como o

da prefeitura que o usa como instrumento que destaca o município do lugar-comum. Finalmente, mobiliza e atrai a comunidade que se orgulha e prestigia um dos ícones que a faz se sentir única. Com isso, os participantes do bailado agem como personagem principal de um processo que enriquece e legitima a sociedade a que pertencem. Para um município com pouco mais de dez anos de emancipação, Quissamã precisa a todo instante estar se re-descobrimdo, seja através de sua história, culinária, costumes ou festas. Por isso, essa legitimação vem resgatar o gosto pelo local e o reconhecimento de algo próprio que nasceu ali.

Daí a importância de se valorizar e manter o bailado, uma vez que este simboliza um canal popular entre a zona rural e o que mais estiver do outro lado do processo comunicativo: das elites locais até alunos do ensino médio, por exemplo. O Fado, dessa maneira, vai representar a voz de resistência de uma camada que está à beira da pirâmide social e quer falar e ser ouvida. Quando os dançadores, por exemplo, "invadem" o espaço físico da biblioteca municipal eles não apenas divertem a platéia e se divertem. Na verdade estão ali dizendo: "Ei! Eu também quero meu espaço. Eu também quero falar!".

## **7 Finalizações: hibridismo cultural e preservação de memória**

Recentemente, a prefeitura de Quissamã começou a implementar um projeto de restauração das principais fazendas que nortearam o ciclo da cana-de-açúcar no município para tornar estes pontos rota de turismo. Vale lembrar a importância desta iniciativa em uma área não-predestinada para este tipo de atividade. A região da Bacia de Campos, diferentemente do que podemos dizer da região dos Lagos e Serrana (que já têm notoriedade quanto à praxis do turismo), possui somente status de conglomerado industrial no estado do RJ. Havendo continuidade e seriedade neste projeto, a Dança do Fado poderá ser muito beneficiada, já que estaria previsto postulá-la como a manifestação cultural típica deste

momento histórico. O interesse por sua preservação, levando em conta as políticas de hibridização cultural, poderia ser um mecanismo satisfatório para que a dança se mantivesse viva nas tradições locais.

A importância que esse investimento no turismo pode trazer à região é, sem dúvida, uma grande saída para a preservação das culturas locais e uma alternativa econômica frente à produção agrícola. Como destaca Foroohar (2002: 36), muitos turistas estão hoje interessados em lugares menos convencionais, em busca de vivenciar experiências que nunca tiveram antes. Esse tipo de turista quer conhecer e se relacionar com outra realidade, uma que se diferencie do seu modo de vida cosmopolita das grandes cidades do mundo. Um caso que pode exemplificar melhor os benefícios dessa nova prática, é o da comunidade Inuit, no Alasca, que recebe turistas para participar do seu dia a dia. Nessa análise Featherstone (1996) diz que:

*"Os Inuit usam o dinheiro que recebem para comprar mantimentos, itens essenciais (...), a fim de manter viva uma versão parcialmente modernizada, mas independente, do seu estilo de vida tradicional (...) e manter seu sentido de identidade cultural".*

Assim como essa comunidade, que transforma o turismo em algo que beneficia a manutenção e sobrevivência de sua cultura, Quissamã, através da exploração do turismo ecológico e rural, poderá construir, assim, um mecanismo que preserve e não agrida nem modifique sua integridade.

Analisando esta questão da hibridização, tão evidente na contemporaneidade, vale lembrar das palavras de Beatriz Sarlo (2000: 101), a qual afirma serem as culturas populares "artefatos" que não existem mais em estado puro. Quer dizer, com os avanços tecnológicos e o grande poder de alcance dos meios de comunicação de massa, nada é genuinamente livre de influências externas e o que temos hoje são culturas "mestiças", ou melhor dizendo, "hibridizadas".

Os progressos realizados pelos meios de transportes, por exemplo, encurtaram em muito a distância entre as zonas rurais e os grandes centros. O isolamento dessas comunidades também foi quebrado pelas antenas de televisão e rádio e pelos fios de telefone. Os jovens de Quissamã, a título de ilustração, pouco diferenciam-se dos jovens da cidade grande. Ambos vestem o mesmo jeans da Levi's, se divertem jogando o último lançamento da Nintendo e escutam a mesma batida do *drum n' bass*<sup>2</sup> que infesta as rádios e boates. Em pouco tempo, através da estrada asfaltada, podem estar em Macaé ou Campos dos Goytacazes fazendo compras em um shopping ou comendo um Big Mac no McDonald's. Por isso concordamos com Sarlo (*op. cit*) quando afirma que:

*"Onde quer que cheguem os meios de comunicação de massa, não passam incólumes as crenças, os saberes e as lealdades. Todos os níveis culturais se reconfiguram quando se produz uma reviravolta da magnitude implicada pela transmissão de imagens e sons. Hoje a cidade está presente no mundo rural..."*

As principais vias de acesso à cidade, além das estradas vicinais, estão todas asfaltadas. Muitas linhas de ônibus ligam Quissamã a Campos, Macaé, Niterói e Rio de Janeiro. Antes de se tornar município não havia uma conexão direta com a freguesia, apenas estradas de terra. Essa avalanche de transformações ocorridas principalmente nos últimos vinte anos (quando o então distrito saiu de um ostracismo econômico e voltou a prosperar) mudou muito a fisionomia da cidade que antes vivia em isolamento. Isolamento esse que talvez tenha ajudado a manter o Fado no anonimato, mas deixando sê-lo genuinamente, em suas características mais próximas das originais, sem tantos jogos de força

---

<sup>2</sup>Drum n' Bass – Do inglês, "Bateria e Baixo". Gênero de música eletrônica caracterizado pelo ritmo forte com linhas de percussão e baixo bem peculiares (N. do A.).

culturais, tanto em seu formato típico como em forma genuína de entretenimento.

Mas este é um caminho que já não é mais possível de ser trilhado. Quanto mais o município de Quissamã for se projetando a ser mais um espaço de visitação histórica no estado, considerando a força centrífuga da “cidade maravilhosa”, mais chances de autonomia e legitima o cultural terá a dança do Fado neste aspecto.

O próprio fato da dança fazer parte da programa o cultural neste presente congresso nacional pode vir a dimension -la como força representacional de Quissamã. O que seria extremamente produtivo.

## 8 Bibliografia

CASCUDO, Luís da Câmara, *Dicionário do folclore brasileiro*, São Paulo: Global, 2000.

FEATHERSOTNE, Mike, *Localismo, Globalismo e Identidade Cultural*, in Revista Sociedade e Estado, Rio de Janeiro, n . 1, volume XI, Relume-Damara, Jan-Jun 1996.

FOROOHAR, Rana, *Getting Out Off The Beaten*, in Newsweek, New York, n .4, 22-29 de Julho de 2002.

HOHLFELDT, Antonio, *Folkcomunica o: Positivo Oportunismo De Quase Meio Século*, in Anuário UNESCO / UMESP de Comunica o Regional, São Bernardo do Campo, n . 5, Ano 5, UMESP, Jan-Dez, 2001.

LAMEGO, Alberto Ribeiro, *A Planície do Solar e da Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria Católica, 1934.

MATOSO, Gilberto de Queirós. *O Município de Quissamã*, Rio de Janeiro, 1994.

MARCHIORI, Maria Emília Prado, *Quissamã*, Rio de Janeiro: Petrobrás, 1987.

MELO, José Marques de, *As Festas Populares Como Processos Comunicacionais: Roteiro Para O Seu Inventário, No Brasil, No Limiar Do Século XXI*, in Anuário UNESCO / UMESP de Comunicação Regional, São Bernardo do Campo, n.º. 5, Ano 5, UMESP, Jan-Dez, 2001.

PARADA, Antonio Alvarez. *Histórias Curtas e Antigas de Macaé*, Rio de Janeiro: Petrobrás, 1995.

RUA, João e MARAFON, Glaucio José (orgs.). *Atlas Escolar do município de Quissamã*, Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

SARLO, Beatriz. *Cenas da Vida Pós-Moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*, Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.